



## JUVENTUDES, TECNOLOGIAS DIGITAIS E PRÁTICAS EDUCATIVAS EXPERIMENTADAS NA REDE.

Jaiane Araujo de Oliveira<sup>1</sup> - (UFC);

Grupo de Trabalho: Educação, Tecnologia e Comunicação.  
Agência Financiadora: não contou com financiamento.

### Resumo

Os estudos sobre a tematização da juventude têm se preocupado cada vez mais em versar sobre os jovens em sua diversidade, como sujeitos da história, que produzem cultura e se organizam em grupos e redes. Consideram, ainda, a realidade em que os jovens estão inseridos, assim como suas diferenças culturais, simbolizadas e vividas pela diversidade de classe, gênero, etnia, orientação sexual e territorial. Este artigo tem como objetivo discutir como as tecnologias digitais, especialmente a internet e as redes sociais, se relacionam com as práticas educativas dos jovens que acessam a página do Facebook Cuca Comunidade em Pauta. Com base na etnografia virtual (técnica que utiliza a internet como ferramenta de pesquisa), foi possível capturar imagens e registros sobre essa realidade vivenciada e expressada na rede social Facebook. Além disso outras técnicas foram utilizadas no espaço off-line, como observação, entrevistas e grupo de discussão. Os sujeitos da pesquisa foram jovens moradores da barra do Ceará, bairro periférico de Fortaleza/Ce. Nesse trajeto, percebe-se que os jovens investigados mantêm-se conectados as redes sociais, tecendo seus modos de vida, suas experiências, ampliando as oportunidades de lazer, de cultura, de contato com pessoas e com a informação. As práticas educativas são reveladas na medida em que socializam trabalhos, acessam informações, divulgam notícias e nesse processo se formam enquanto sujeitos que sabe e aprende. Os jovens reconhecem que as tecnologias possibilitam experimentar a inventividade, a criação, pois podem criar vídeos, obter informação, ampliar os conhecimentos e realizar trocas de saberes com os colegas. Por isso, a internet é uma maneira de construir novas rotas de experiência pelo cotidiano, uma vez que alargam suas relações educativas, afetivas e sociais, para além do espaço em que vivem, rompem fronteiras e modificam seu estilo de vida, seus modos de aprender, que passam a serem elaborados individual e coletivamente.

**Palavras-chave:** Juventudes. Práticas Educativas. Redes sociais. Tecnologias Digitais.

### Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir como as tecnologias digitais, especialmente a internet e as redes sociais, se relacionam com as práticas educativas dos jovens que acessam a

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC).

página do Facebook Cuca Comunidade em Pauta<sup>2</sup>. Este trabalho é resultado da dissertação de mestrado defendida em março de 2015, em Políticas Públicas e Sociedade, na linha de pesquisa Gênero, Geração e Família, na Universidade Estadual do Ceará (UECE). O trabalho de dissertação foi realizado no Centro de Cultura, Arte e Esporte – Cuca Che Guevara, localizado na Barra do Ceará. Os sujeitos da pesquisa foram jovens dos sexos masculino e feminino, moradores da Barra do Ceará e do seu entorno; todos frequentam o Cuca, participam de grupos de dança (*hip hop*, *swingueira*, entre outros) e são membros da página do Facebook Cuca Comunidade em Pauta.

Nessa página, os jovens compartilham práticas de saberes na medida em que socializam trabalhos, acessam informações, divulgam notícias. A própria sociabilidade é experimentada de forma intensa, permitindo aos membros trocar informações diversas sobre seu modo de ser, de se comportar e de vivenciar sua condição juvenil.

Os caminhos investigativos transitaram pelos pressupostos da pesquisa qualitativa, tomando o ciberespaço<sup>3</sup> como perspectiva metodológica e agregando registros etnográficos (observação, diário de campo, entrevistas e grupo de discussão) como forma de apreender as narrativas dos jovens no contexto social em que vivem, a fim de conhecer como esses sujeitos tecem suas experiências de vida, seus saberes e atribuem significado às suas práticas cotidianas mediante as tecnologias digitais. Essa proposta metodológica privilegia os fazeres, os dizeres, os gestos, os sons, os ritmos, as imagens dos sujeitos, para que seja possível desvendar, descobrir e interpretar suas formas de viver, de demonstrar e compartilhar suas experiências de vida, seus saberes e práticas educativas. Certamente, “o método não representa um ‘molde’, preparado *a priori* a ser adaptado à realidade estudada, eles podem ser evocados como companheiros de viagem” (STECANELA, 2008, p.35).

Nesse sentido, observa-se que o espaço virtual da internet tem se constituído em um terreno fértil de questões e reflexões que envolvem os jovens em suas várias dimensões: culturais, sociais, artísticas, afetivas e educacionais. Ao permitir esse misto de sociabilidade aos jovens, acena-se para a desconstrução da ideia de que as redes sociais da internet tenderiam ao isolamento e ao esvaziamento, sublinhando novas possibilidades de participar e aprender.

---

<sup>2</sup> Página virtual da internet (Facebook) criada pelos jovens como mais um espaço de divulgação de seus trabalhos, de reivindicação, de participação e compartilhamento de informações sobre o Cuca e os grupos que frequentam o espaço físico do Cuca.

<sup>3</sup> “Etnografia virtual ou netnografia são terminologias utilizadas para denominar o estudo das trocas simbólicas e das práticas culturais e comunicacionais no âmbito da internet” (MARQUES, 2010, p.17).

Assim, os processos educativos empreendidos pelos jovens que transitam no espaço virtual da internet estão vinculados diretamente às suas vivências e experimentações na vida cotidiana, e ainda a outras instâncias educadoras, tais como a rua, o grupo de amigos, os momentos de lazer, assim como o trabalho, a família, a escola e tantos outros espaços em que se relacionam com suas biografias e seus modos de vida. Portanto, as tecnologias digitais constituem também parte significativa nesse processo de educar os jovens, uma vez que cotidianamente eles transpõem e narram suas experiências de vida no espaço virtual, sobretudo nas redes sociais.

Ao registrarem suas histórias, sua vida comum nesse suporte, os jovens sentem que podem ter essas experiências partilhadas e compartilhadas com seus amigos, ainda que cada um deles pertença a contextos sociais diferenciados, partilhem linguagens, valores, estilo, cultura e comportamentos diferentes. Ao estarem conectados na “rede”, os jovens estabelecem relações de troca, uma vez que a internet se constitui em um modo “de expressão coletiva das experiências sociais de comunicação, informação e relacionamento dos jovens” (SALES, 2010, p.26).

Nessa direção, as práticas sociais elaboradas pelos jovens mediante o uso das tecnologias digitais merecem ser compreendidas como uma noção ampliada de educação, que toma dimensão efetiva no cenário virtual da internet — a qual modifica e interfere a organização das práticas sociais, das mais complexas às mais elementares, refletindo no processo de “mediação das nossas relações sociais, de nossa autoidentidade e de nosso sentido mais amplo de vida social” (SANTAELLA, 2003, p.105). Esses efeitos são sentidos, especialmente, entre os mais jovens, aos quais se atribuiu o rótulo de “geração digital”, “tecnológica” ou “nativos digitais”.

As modificações impostas pelo contexto das tecnologias digitais nos faz pensar na nossa prática pedagógica, no nosso papel diante dos desafios colocados por este fenômeno. Nos espaços da escola, por exemplo, observamos a necessidade de pensar alternativas de combinar metodologias tradicionais com modelos outros, novos, advindo dos processos de transformação colocado pelas tecnologias. Nessa direção, somos convocados a compreender que o mundo mudou, os sujeitos da escola (jovens, crianças, adultos) mudaram também e nossa prática pedagógica e metodológica precisa, a todo o momento, ser refletida, reformulada e ressignificada.

É a partir dessa perspectiva que esta discussão se insere, reconhecendo que os jovens, ao entrarem em contato com as redes da internet, elaboram, criam/constroem e aprendem. Por

isso, é importante compreender essas ferramentas como uma esfera ampliada de educação que se processa na heterogeneidade de espaços sociais praticados pelos sujeitos:

Num tempo histórico no qual a formação da subjetividade se dilui em complexas redes de agências educativas e relacionamentos sociais, torna-se de interesse vital e estratégico que o campo educacional amplie suas reflexões sobre o amplo leque de possibilidades educativas que se abre nos múltiplos contextos, reais e virtuais (CARRANO, 2003, p.20).

A temática das tecnologias digitais vem se constituindo em um importante campo de reflexões, sobretudo quando pensamos sua relação com a juventude, pois “passa a significar, também, a existência de novas possibilidades de conhecimento, de interação, de relacionamento, de experiência e (des)construções, importante na constituição das identidades dos jovens” (VIEIRA, 2013, p.101). Essa perspectiva é também compartilhada por Dayrell (2003) quando nos orienta a compreender que os jovens são sujeitos ativos, que agem no/sobre o mundo e nessa ação se produzem e, ao mesmo tempo, são produzidos no conjunto das relações sociais em que se inserem.

Com a chegada da internet e a difusão das redes sociais, observamos a conquista de novas instâncias socializadoras que permitem aos jovens construir diversas afiliações, com o outro e com a sociedade de modo geral, formando essa teia global de informação, conhecimento e partilha. Isso nos faz pensar também que nem sociedade nem indivíduo podem ser compreendidos se não analisados em caráter interacional. Nesse sentido, a concepção de juventude defendida neste trabalho é a de que não existe propriamente uma juventude, mas várias, definidas e caracterizadas de acordo com as vivências, situações e identidades sociais. Desse modo, a juventude não é tida como uma categoria homogênea, visto que existem diversos modos de ser jovem. No campo dessa concepção de juventude como diversa e cada vez mais plural, Carrano, Damasceno e Tafakgi (2013) traz uma importante discussão sobre a relação da juventude com as tecnologias digitais:

Uma das questões mais impactantes para a educação escolar tem sido o reconhecimento de que o aluno é também um jovem e que não existe “a juventude”, mas “juventudes”. No contexto desta percepção da multiplicidade de maneiras de se ser aluno e jovem há, também, a compreensão de que ser jovem significa ser sujeito das intensas transformações pessoais e societárias relacionadas com o amplo processo de desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TICs). (CARRANO, DAMASCENO E TAFAKGI, 2013, p.2)

Pais (2003, p.37) enfatiza que “a juventude é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas, ou seja,

uma categoria sujeita a modificar-se ao longo do tempo”. Considerar essas questões é perceber que os jovens estão inseridos num processo de múltiplos pertencimentos, por isso não é possível enquadrá-los, dadas as várias identidades que eles assumem em suas experiências com o outro, com a escola, com a família, com o grupo de amizade e com a sociedade em que estão inseridos. Os seus processos educativos, por exemplo, apontam para múltiplos direcionamentos dependendo de cada percurso.

### **Redes Sociais e Juventudes: Tramas que se Emaranham com suas Práticas Educativas.**

A presença tecnológica ou as interações mediadas pelas tecnologias digitais marcam, sem dúvida, a época contemporânea e afeta a sociedade como um todo e, especialmente, aos jovens. Isso tem influência inclusive na noção de juventude, que passa a ser fortemente associada e representada por essa ideia da conexão, de pessoas que vivem com o pé mais na realidade virtual do que na presencial. Mas é claro que essa é mais uma entre tantas outras questões que precisam ser relativizadas e vistas em seus matizes. Nesse sentido, este artigo pretende refletir sobre como as práticas educativas dos jovens empreendidas no espaço virtual da internet têm sido elaboradas e criadas; e qual o nosso papel enquanto educadores nesse processo de articulação e mediação do conhecimento. Para tanto, devemos considerar inicialmente alguns enunciados desses jovens.

Os jovens desta pesquisa reconhecem e afirmam que o mundo digital constitui uma parte importante de suas interações, mas não deixam de anunciar que ela não é exclusiva nem substitui outras formas de vínculo e de interações, muito pelo contrário. Entre eles, há aqueles que têm total preferência pelos contatos presenciais, como também há uma maioria que interage simultaneamente nestes dois níveis de “realidade”, *off-line* e *on-line*.

Ao estarem conectados, os jovens passam a criar, recriar e a significar o seu estar no mundo, suas experiências.

A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que as vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então somente, então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. (LARROSA, 2016, p. 10)

Nesse processo, as tecnologias digitais da internet se inserem enquanto instrumentos capazes de fomentar os saberes e as práticas educativas, uma vez que essas ferramentas estão inseridas no contexto social e cultural dos jovens.

Portanto, a internet tornou-se uma porta para vários mundos e para várias situações, as quais não demandam necessariamente o deslocamento de nosso corpo físico, e muito do que soava como ficção científica torna-se executável. “Com isso, ganha-se muito, economiza-se muito, experimenta-se muito e se aprende e muito” (VIEIRA, 2013, p.91).

Para esses jovens, a internet é uma forma de pertencimento muito importante, não sendo possível perceber, em muitos momentos, fronteiras claras entre a vida *on-line* e a *off-line*. Na verdade, essas duas esferas se misturam e se interpenetram, sobretudo nesta época em que imperam as mídias móveis (celular principalmente, e seus aplicativos). Com a proliferação das redes sociais, os sujeitos apresentam novas formas de narrativa, que implicam em certos artifícios e performatividade das imagens de si que são projetadas, especialmente nos perfis criados por eles no Facebook.

Quando questionados sobre os motivos pelos quais costumam acessar a internet, as respostas que apareceram mais recorrentemente foram: buscar informações, pesquisar assuntos diversos, comunicar-se. A internet figura também como uma forma de lazer, de diversão, de passar o tempo livre e também de se relacionar com os outros, principalmente por meio das redes sociais:

Pesquisei fotos, vídeos, coisas motivacionais, para motivar o grupo, pesquisa de outros estilos de dança, tudo através da internet. Faço as edições de vídeos, fotos, dos eventos que a gente participa. Toda essa parte é comigo, então eu meio que tô ligado com isso, tanto ao meu trabalho como na área de lazer. Além do grupo e do meu trabalho, eu utilizo como meio de se comunicar; as redes sociais como meio de lazer; os jornais, reportagens, as notícias do dia a dia, que eu gosto muito de estar informado (RAFAEL, 27 ANOS).

Nesse sentido, a internet representa um espaço de múltiplas possibilidades, em que os jovens podem realizar atividades ligadas ao lazer, ao trabalho e à própria sociabilidade; e à sua formação pessoal e profissional, na medida em que estabelecem relação com os outros, constituindo ainda um espaço de vida e de relações subjetivas. Nas palavras de Castells (2003, p.123), a internet “é a expressão de nós mesmos através de um código de comunicação específico, que devemos compreender se quisermos mudar nossa realidade”. Portanto, a internet não pode ser compreendida apenas como uma tecnologia, mas como uma prática social.

Indubitavelmente, entre as várias novas tecnologias, sobressai aquela que é sua maior expressão, a Internet, por amalgamar diversas facetas tecnológicas até então separadas, como a escrita, a imagem, o som etc. Ela é hodiernamente o mais completo meio de comunicação criado pela tecnologia, tem reconfigurado as culturas e suscitado novas estruturas de sociabilidade contemporânea (SOUSA, 2011, p.172).

Assistimos cotidianamente a presença das tecnologias digitais na organização das práticas sociais, das mais complexas às mais elementares, essas tecnologias acabam por fazer “uma mediação das nossas relações sociais, de nossa autoidentidade e de nosso sentido mais amplo de vida social” (SANTAELLA, 2003, p.105).

A natureza humana não é imutável, constituída como uma entidade inalterável através das histórias e das geografias; pelo contrário, as subjetividades se constroem nas práticas cotidianas de cada cultura, e os corpos também se esculpem nesses intercâmbios (SIBILIA, 2012, p. 10).

Nesse sentido, os jovens se sentem envolvidos por essas tecnologias que parecem ter a capacidade de encantar e seduzir os sujeitos, a partir de suas interações, simulações, representações, jogos e fantasias, que certamente rompem com a barreira entre real e virtual, pois, como destaca Lévy (2010, p.50), “o real existe sem estar presente”. Às vezes parece difícil e complexo compreender essa afirmação do autor. Contudo, neste trabalho, esforçamo-nos também em mostrar que essa reflexão se faz necessária para que possamos compreender o momento de mudanças que estamos atravessando. Tais mudanças ocorrem numa rapidez e intensidade muito fortes, o que impossibilita a compreensão desse fenômeno e suas *nuances*. “O que mais impressiona não é tanto a novidade do fenômeno, mas o ritmo acelerado das mudanças tecnológicas e os consequentes impactos psíquicos, culturais, científicos e educacionais que elas provocam” (SANTAELLA, 2003, p.18).

A internet pra mim é uma ferramenta de comunicação, eu acho que pra todo mundo, eu uso a internet, eu entro nas redes sociais para conversar com meus amigos, pra trocar informação, tipo, eu tenho amigos que moram em outros estados, então a gente só consegue se comunicar pelas redes sociais, até porque hoje esse negócio de ligar tá muito, como é que eu posso dizer?, tá meio fora de linha, hoje, como tá todo mundo nas redes sociais, fica mais fácil se comunicar e mais barato, eu uso as redes sociais para me comunicar, vejo jornais, acho que democratizou muito, gosto muito de acessar *blogs*, *sites*, tipo, eu tenho um *blog* que eu comecei a fazer ano passado, eu acho que a internet é uma ferramenta poderosa para se comunicar, eu uso basicamente para isso (VASTE, 18 ANOS).

Mesmo com todas as maneiras de perceber, sentir, lembrar-se, trabalhar, jogar e estar junto, as tecnologias ainda não conseguem substituir a relação face a face, já que o ciberespaço possui limitações quanto a sentidos bastante peculiares deste tipo de relação, tais como o olfato e o tato.

É dentro desse espaço incorpóreo de bytes e luzes, paradoxalmente também tecido com os mesmos sentimentos vibrantes que movem nossas vidas, tecido tramado pela esperança e expectativa das buscas, pela frustração dos desencontros e pela satisfação das descobertas, que surge aquilo que vem sendo chamado de cibercultura, uma cultura que se desenvolve de modo similar a novas formas de vida numa sopa biótica propícia (SANTAELLA, 2003, p.103).

As redes sociais parecem representar uma das principais consequências das tecnologias digitais. Nesses ambientes, é possível acompanhar um fervilhar de publicações, de curtidas e de compartilhamentos entre as experiências vivenciadas pelos jovens, como: no trabalho, na escola, no lazer, juntos com seus amigos. Para Recuero (2014, p.60), “As redes sociais da internet representam um novo e complexo universo de fenômenos comunicativos, sociais e discursivos”.

Durante a realização desta pesquisa, foi possível observar também que os jovens têm utilizado as redes sociais para expressarem seus múltiplos sentimentos, traduzindo tristeza, alegria, raiva, euforia, medo, contestação, incertezas, entre outros, o que não deixa de ocorrer também na relação face a face, mas eles parecem se sentir mais livres para demonstrar suas múltiplas formas de pertencimento no espaço virtual da internet.

Pensamentos perturbantes fazem de minha cabeça meu próprio hospício, deve estar ficando louco, mas acredito que isso não seja tão ruim... Ruim seria viver igualmente aos normais, sim, pra mim os considero normais, meu pensamento é meu mundo, e dele faço, crio, estruturo e desconstruo o que quiser, no meu mundo, enquanto restar-me forças, mando eu... Um mundo meio que estranho no qual vivo como quero e nele quero estar sozinho com o barulho dos meus pensamentos, no qual me fazem a todo instante querer desistir de tudo, querer me isolar de tudo, e ao mesmo tempo me fazem querer lutar por tudo, me envolver com tudo e todos, já não entendo esses pensamentos, já não entendo como será se eu parar de pensar... Será loucura da minha cabeça pensar em mil coisas? Seráloucuraouadeprê!? O que será, já não sei... (EVERTON, 20 ANOS).

Esse mesmo jovem, ao utilizar esse suporte de linguagem e escrita para compartilhar seus sentimentos, também demonstra que se sente livre, liberado de qualquer julgamento, o que talvez não fosse possível fora do ambiente virtual. Além disso, ele revela sensibilidade e criatividade na medida em que consegue traduzir em versos e poesia seus pensamentos, demonstrando aspectos do seu eu e de sua identidade. Nesse desabafo é possível identificar, ainda, um conflito existencial vivenciado pelo jovem, no qual seus pensamentos sinalizam para situações duais e paradoxais “desistir e lutar”, “isolar de tudo, se envolver com tudo”. Nesse sentido, a rede social do jovem acaba se transformando ainda numa espécie de diário em que ele pode desabafar, contar sobre suas angústias, seus medos e incertezas.

As narrativas e expressões dos jovens compartilhadas no espaço virtual ecoam uma multiplicidade de vozes e discursos prosaicos, permitindo-nos pensar sobre a necessidade de pertencimento desse jovem, assim como de outros, a algum lugar, a alguma crença e a algum espaço no mundo. Um espaço que seja visualizado, público e que provoque alguma reação no outro ou, no mínimo, nos amigos que compartilham dessa rede. Tendo em vista que as redes sociais se constituem como ferramentas de representações dos atores sociais, “são espaços de interação, lugares de fala construídos pelos atores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade” (RECUERO, 2009, pp.25-26), durante uma de nossas conversas pelo Facebook, questionei sobre como era para o jovem narrar esses momentos nas redes sociais.

Essa necessidade constantemente evidenciada nas redes sociais de ser visto, percebido pelo outro por meio dessa ferramenta, tem se constituído uma necessidade, sobretudo entre os jovens. Esse imperativo é resultado da “intersecção entre o público e o privado, para ser uma consequência direta do fenômeno globalizante, que exacerba o individualismo. É preciso ser ‘visto’ para existir no ciberespaço” (RECUERO, 2009, p.27).

Dentre as temáticas que mais apareceram como desinteressantes aos jovens estavam: política, religião, esportes e estilos musicais com letras de música que incitam a violência. Contrariamente a isso, os jovens curtem e compartilham tudo aquilo que expressa sentido em sua vida, conforme eles destacaram: música, dança, fotos, vídeos, frases, encontro com os amigos, poesia, pensamentos interessantes, livros, notícias de emprego, filmes, notícias.

Ao perceber que o processo educativo dos jovens se realiza em momentos múltiplos como no lazer, no grupo de amigos, nos grupos culturais, em contato com as redes sociais, e não somente no espaço institucionalizado da escola, estamos ampliando a nossa dimensão de educação e de prática educativa:

A materialidade da vida, as configurações sociais e os cruzamentos de redes de subjetividade estabelecem contextos que devem ser considerados como efetivamente educativos, desde uma perspectiva de educação que se amplia para além dos horizontes estritamente pedagógicos (CARRANO, 2003, pp.15-16).

Ao permitir que os jovens entrem em contato com o outro, de diferentes orientações, lugares e formas de pertencimento, a rede torna-se o local da interação, do convívio, da exploração e da partilha de sentimentos e emoções. Essa possibilidade de fazer da tela do computador uma viagem a outros mundos permite aos jovens conhecer e descobrir aspectos de si mesmos e dos outros. Ao se mostrarem como os principais atores desse fenômeno das

tecnologias digitais, os jovens demonstram que a rede não é apenas uma ferramenta, mas, sim, um espaço de vida, de comunicação, de informação e saberes aprendidos e compartilhados:

As práticas sociais que ocorrem nas cidades incorporam-se ao conceito de educação, uma vez que compreendem em suas dinâmicas culturais próprias de realização, a formação de valores, a troca de saberes e, em última instância, a própria subjetividade. Ao reconhecermos que as cidades se constituem na multiplicidade de lugares que negociam a homogeneidade e a heterogeneidade das práticas, assim como a continuidade e a descontinuidade educativa, podemos estar contribuindo para a compreensão da totalidade do processo educacional, da qual a escola faz parte. É nesse sentido que podemos considerar os territórios urbanos como redes de relações e práticas que configuram um amplo espectro de fatos sociais educativos (CARRANO, 2003, pp.20-21).

Ao modificar o modo como as relações são estabelecidas e a vida pessoal dos jovens, as tecnologias digitais passam a ser responsáveis por se constituir em mais uma opção interativa com o mundo, já que nas redes sociais, por exemplo, os jovens constroem saberes, tecem relações e significações para suas experiências de vida, mediante as trocas e as práticas educativas que são possíveis nesse espaço da internet.

Para Lemos (2007), a ideia dos jovens nessa sociedade do espetáculo não é se exibir para o público, mas para a sua rede de amizade, através da circulação de suas publicações, curtidas e compartilhamentos. Nesse sentido, os jovens não precisam participar de um evento solene ou mesmo especial para terem suas experiências publicadas e compartilhadas nas redes sociais; para eles, o importante é marcar o momento presente, ainda que este seja banal.

As intenções estão mais próximas do captar a “magia” do presente e como desejo de expressão individual. Busca-se captar o imprevisível da banalidade do sujeito ou das relações cotidianas, ver, apagar, circular, conectar, lançar uma comunicação que se constitui mais pela forma (formante) do que pelo conteúdo. É por isso que a qualidade pouco importa (LEMOS, 2007, p.35).

Ainda que essa interação ocorra através de uma tela de computador, e não fisicamente, esses jovens demonstram que são capazes de amar, sofrer, contar piadas, fofocar, trocar ideias, namorar, flertar, fazer e criar arte, trocar conhecimento e informação e solidarizar-se com seus amigos mediante o uso dessa ferramenta. Também não é preciso nenhum acontecimento especial, solene, para que eles sintam vontade e necessidade de registrar suas vidas nas redes sociais. Para eles, o importante mesmo é registrar, publicar, mostrar a vida como ela é na realidade, nos momentos banais das experiências do dia a dia.

## Considerações Finais

O trabalho revela que a rua, a praça, os agrupamentos juvenis e as tecnologias digitais ensinam muito. Demonstra ainda que a emergência das tecnologias digitais tem possibilitado novos contextos de relacionamentos e compartilhamentos de experiências e saberes caracterizados pela pluralidade de interação que essa ferramenta dispõe, permitindo contato de muitos com muitos em espaço tempo quase instantâneo. Com isso, também se evidenciam novas culturas de participação, debate, reflexão, escolha, estrutura de poder, afeto e aprendizado. Essas ferramentas também têm permitido aos jovens maior autonomia em relação ao mundo adulto, revelando a enorme capacidade de elaborar seus acervos culturais, sociais e de identidade.

Pensar o virtual como mais um espaço de construção de saberes adquiridos e compartilhados é um passo importante para entendermos a realidade que envolve a cultura juvenil, abrindo caminhos para uma maior compreensão da diversidade de práticas exercitadas pelos jovens, que transbordam para além do espaço institucionalizado da escola, da família. O nosso maior desafio, certamente, é contribuir para que os jovens possam realizar suas escolhas de forma consciente e conduzir positivamente suas próprias trajetórias pessoais, afetivas e formativas, a partir dessas ferramentas.

## REFERÊNCIAS

CARRANO, Paulo. **Juventudes e Cidades Educadoras**. Petrópolis: Vozes, 2003.

DAMASCENO, Patrícia Abreu. TAFACKI, Cristina. “**A escola tem tudo o que precisamos. O Facebook tem tudo o que gostamos**”: estudo de caso sobre as redes sociais de internet numa escola pública de Ensino Médio. Rio de Janeiro – UFRJ, 2013.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação, 2003.

LARROSA, JORGE. **Temores**: escritos sobre a experiência; Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. – reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

LEMONS, André. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos dispositivos híbridos móveis de conexão multirredes (DHMCM). In: **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, vol. 4. n. 10, págs. 23-40, jul. 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu Costa. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010. (Coleção TRANS).

MARQUES, Ana Cesaltina Barbosa. **A Praça Portugal como lugar**: negociações de sentidos em encontros presenciais e mediados pelo computador. 2010. 116 f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

RECUERO. Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

\_\_\_\_\_. **Curtir, compartilhar, comentar**: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. Verso e Reverso, vol. XXVIII, n. 68, maio-agosto 2014.

SALES, Celecina de Maria Veras. **Juventude, Espaços de Formação e Modos de Vida**. Educação Temática Digital, vol.12. Campinas, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. Coordenação Valdir José de Castro. São Paulo: Paulus, 2003.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses. **Novas linguagens e sociabilidades**: como uma juventude vê novas tecnologias. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2011.

STECANELA, Nilda. **Jovens e cotidiano**: trânsitos pelas culturas juvenis e pela “escola da vida”. 2008. 397f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

VIEIRA, Manuela do Corral. **Os jovens flâneurs.com**: a construção e a liquidez da identidade no espaço das redes sociais da internet. 2013. Páginas 219. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia. Universidade Federal do Pará. Belém, 2013.